

GRAHAM
GREENE
O PODER E A GLÓRIA

introdução de john updike

tradução de mário quintana



BIBLIOTECA AZUL

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Introdução

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1 | O porto

Capítulo 2 | A capital

Capítulo 3 | O rio

Capítulo 4 | As testemunhas

SEGUNDA PARTE

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

TERCEIRA PARTE

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

QUARTA PARTE

Notas

Créditos

INTRODUÇÃO

PUBLICADO CINQUENTA ANOS ATRÁS, com uma modesta tiragem de 3.500 exemplares, *O poder e a glória* é geralmente considerado a obra-prima de Graham Greene, seu livro mais aclamado pelo público e pela crítica. Este romance, baseado nos menos de dois meses que o autor passou no México, entre março e abril de 1938, e que renderam uma viagem solitária e extenuante de cinco semanas pelas províncias de Tabasco e Chiapas, no sul do país, é o que há de menos inglês em toda a sua obra – apenas algumas poucas personagens secundárias têm origem bretã. É possível que seu sucesso se deva ao caráter pouco inglês do catolicismo romano que, com sombrio maniqueísmo e tortuosa literalidade, permeia esta que é sua obra ficcional mais ambiciosa. Em contraste com suas obras de caráter mais folhetinesco, os três romances escritos antes e depois de *O poder e a glória* – *A inocência e o pecado* (1938), *O cerne da questão* (1948) e *Fim de caso* (1951) – buscam a grandiosidade e são tão intensos, penetrantes e perturbadores quanto o olhar de um inquisidor. Após estreitar no romance de forma modesta e sob grande influência de Joseph Conrad e John Buchan, Greene fez com que sua facilidade magistral para concatenar tramas de suspense e sua sensibilidade mórbida (e um tanto despreocupada) coincidisse em alto nível de paixão e inteligência ao seguir os termos estritos de

um debate interno de cunho religioso que ainda não o havia consumido à época. Ainda assim, nos três romances citados o catolicismo parece um tanto “travado”; há uma sensação onírica de exagero e distorção. O adolescente assassino que lidera sua gangue ao mesmo tempo que sustenta uma crença fixa na existência do inferno e o hábito de citar para si mesmo frases religiosas em latim; o policial colonial de modos discretos motivado pela imensa pena que sente por conta da inevitável condenação dos suicidas; sua mulher deveras infiel que, por um batismo accidental do qual não tem conhecimento, é alçada à condição de santa e realiza milagres póstumos... todas essas personagens são seres moralmente grotescos moldados em um mundo diferente do nosso, e não se mesclam à realidade do ambiente ao seu redor – seja ele Brighton, Londres ou a África Britânica Ocidental, todos evocados com grande precisão e destreza. Por outro lado, o padre bêbado de *O poder e a glória* se mescla perfeitamente ao seu México corrupto, tropical e anticlerical.

O catolicismo é intrínseco tanto ao ambiente quanto à personagem; a imersão imaginativa de Greene em ambos é triunfante. Em 1978, um padre mexicano declarou a Norman Sherry, biógrafo de Greene: “Por ser mexicano, viajo por essas regiões. Nos três primeiros parágrafos, onde ele nos oferece tomadas do local, vemos por que ele é impressionante. Nós *estamos* no lugar”. Em 1960, um professor católico da Califórnia escreveu para Greene:

Certa feita, dei um exemplar de *O poder e a glória* a [...] uma mexicana que havia suportado as mais terríveis perseguições

[...] Ela me confidenciou que as descrições eram tão vívidas, e o padre tão realista, que ela se viu rezando por ele na missa. Entendo o que ela sentiu. No ano passado, em uma viagem pelo México, eu me vi espiando o interior das cabanas de barro, as ruas dos vilarejos, as cadeias de montanhas intransponíveis, sempre com a crença parcial de que acabaria avistando uma figura esguia, cambaleando na chuva em seu caminho rumo à fronteira. Não há maior homenagem possível para essa personagem de sua criação – ela tem vida.

A identificação de Greene com seu herói homônimo, um pequeno homem “muito teso, com um modesto traje escuro à moda da cidade e uma pequena mala de mão” – oblitera o tédio e o ceticismo instruído característicos da alta sociedade, que pairavam até mesmo sobre os seus romances mais fervorosamente espirituais. O sr. Tench, dentista, e a complicada família Fellow são ingleses, e talvez a intenção fosse atribuir a eles um papel mais relevante do que aquele que desempenham. Na prática, sua existência é marginal: são como pequenas figuras inseridas em uma paisagem a fim de transmitir a dimensão de sua grandiosidade. Os picos e abismos do mergulho do padre na escuridão e sua simultânea ascensão à condição de mártir dominam a tela de tal forma que até mesmo seu perseguidor e antagonista ideológico, o tenente fanaticamente ateu, é jogado para escanteio, achatado à espessura de uma folha de alumínio. O único acontecimento a ocupar o mesmo patamar agigantado desse padre obstinado e condenado, o âmbito dos paradoxos transcendentais, é a aparição do mestiço de caninos amarelos, dedos encurvados e lábia pegajosa, sedutora e inexorável.

Em correspondência, Edith Sitwell disse a Greene em 1945 que ele teria sido um ótimo padre. Sua conversão ao catolicismo, ocorrida em Nottingham no ano de 1926 (quando o escritor tinha vinte e dois anos), se deu pelas mãos do Padre Trollope – que, após sua própria conversão, havia sido (conforme o livro de memórias *A Sort of Life*, do próprio Greene) “impelido por uma vocação interior para a vida clerical”. Mas Greene não corria o mesmo risco; ele se convertera com o intuito de desposar uma católica e, de qualquer forma, escrevera em 1938 que “a castidade estaria além de meus poderes”. Ainda assim, é comum que os padres em seus romances sérios sejam retratados como seres imperfeitos em sua condição humana, mas acima de quaisquer reprimendas na vida clerical. Em seu segundo livro autobiográfico, *Ways of Escape*, Greene escreveu: “Acho que *O poder e a glória* é o único romance que escrevi para apresentar uma tese... Mesmo em meus anos de colégio, eu sempre escutara com impaciência os relatos escandalosos dos turistas sobre os padres que haviam encontrado em vilas latinas remotas (tal padre tinha uma amante, outro estava sempre bêbado), pois os livros de História Protestante já haviam me instruído adequadamente sobre as crenças católicas. Mesmo então, eu já era capaz de distinguir o homem do ofício”. A distinção entre o comportamento pecaminoso e a função sacramental também é clara para os sacerdotes degradados de *O poder e a glória*. O padre José, induzido ao casamento pelo Estado e por sua covardia, lembra-se do “dom que recebera e que ninguém lhe podia arrancar. Era isso o que o tornava digno da condenação: o poder que ainda tinha de transformar a

hóstia em carne e sangue de Deus”. O padre desviado já não é capaz de encontrar significado na oração, mas para ele a “hóstia era diferente: colocá-la entre os lábios de um moribundo era colocar ali a Deus.” Greene diz a respeito de seu herói o que poderia dizer sobre si mesmo: “Motivava-lhe uma curiosidade minuciosa”.

De todas as cenas angustiantes que se sucedem implacavelmente enquanto o homem perseguido tenta dar continuidade ao seu ofício sacro, nenhuma é tão angustiante quanto o episódio, de medonha ironia e diálogos dolorosamente mundanos, em que o padre se vê obrigado a assistir a um trio de folgados, dentre eles o delegado de polícia, beber a garrafa de vinho que comprara com seus últimos pesos para fins sacramentais. Mas quase todos os estágios da peregrinação maltrapilha do clérigo, ocorrida entre os dois breves encontros com o sr. Tench na capital entorpecente daquele estado infernal (Tabasco, embora o nome nunca seja mencionado), nos encham de pena e tristeza. Como resenhista, Greene assistiu a muitos filmes a partir dos trinta anos, e as cenas que escreve são abruptas, cinematográficas, construídas a partir de imagens brilhantes e habilmente iluminadas: o “grande prédio caiado”, por exemplo, que o clérigo não reconhece como uma igreja e toma por um quartel ao final da segunda parte; ou o arvoredos no topo da montanha, marcado por cruces altas e insanamente inclinadas, como “plantas que tivessem sido deixadas para aproveitamento de semente”, que marcam o cemitério indígena e a fronteira com outra província, mais segura e menos intolerante (Chiapas, mas o nome tampouco é mencionado). A escalada anterior à

cena, empreendida na companhia da mulher indígena que carregava a criança morta nas costas, é tão grandiosa em seu silêncio quanto os cortejos de Eisenstein, e há um toque do horror surrealista de Buñuel quando, ao voltar para o cemitério, o padre surpreende o cadáver da criança com um torrão de açúcar na boca. Em *A Sort of Life*, ao relembrar seus muitos romances em busca de “trechos, ou mesmo capítulos que me deram alguma satisfação quando os escrevi”, Greene mencionou “o diálogo na prisão em *O poder e a glória*”. E de fato, a cena em que o padre, no ápice do risco e da degradação, passa a noite inteira sentado em uma cela sombria e apinhada de gente escutando as muitas vozes – as almas sem corpo – dos outros cativos é, por seu caráter profundo, direto e estranhamente cômico, digna de Dostoiévski – outro homem de crença atribulada.

A conversão de Greene ao catolicismo, tal qual ele a descreve em *A Sort of Life*, foi um tanto ressabiada. Ele passeava com seu cachorro em frente a uma igreja que “para mim, possuía certo poder lúgubre, pois representava o incrível e o inconcebível. Lá dentro, havia uma caixa de madeira para indagações, e coloquei ali um bilhete pedindo instruções... Eu não tinha a intenção de ser acolhido pela igreja. Para que algo assim acontecesse, eu precisaria estar convicto de sua verdade, e essa não era sequer uma possibilidade remota”. Mas, após algumas sessões de discussão acalorada com o padre Trollope, em que defendeu o ateísmo, algo aconteceu com o escritor: “Só lembro que, em janeiro de 1926, tornei-me convicto da provável existência de algo que chamamos de Deus, muito embora eu hoje não goste dessa palavra em virtude de suas

conotações antropomórficas”. No início do mês seguinte, ele se confessou pela primeira vez, foi batizado e comungou. “Eu me lembro muito bem da natureza de minhas emoções ao sair da catedral: não havia nenhum vestígio de alegria, somente uma apreensão sombria.” Toda essa entrega ágil nos faz lembrar de outra ocorrida um pouco antes, durante os quatro meses em que morou sozinho em Nottingham e foi tomado por um tédio assombroso.

Em meu dia de folga, atravessei as colinas rumo a Chesterfield e encontrei um dentista. Descrevi a ele os sintomas de um abcesso, que me eram familiares. Ele tocou um dente perfeitamente saudável com seu espelhinho e reagiu da forma adequada. “Melhor arrancar”, ele aconselhou.

“Sim”, eu disse, “mas com éter”.

Alguns minutos de inconsciência eram como férias do mundo. Eu havia perdido um dente bom, mas por ora o tédio se esvaíra.

Quando ainda era graduando em Oxford, ele havia jogado roleta-russa diversas vezes em busca de férias permanentes do mundo. O mundo é retratado de forma severa em sua ficção. Para Pinkie, de *A inocência e o pecado*, “o mundo nunca se mexeu: ele está sempre ali parado, um território de disputa e devastação situado entre duas eternidades”. Em *O poder e a glória*, ao olhar para as estrelas, o padre acha difícil acreditar que “de lá o nosso globo pudesse parecer igualmente brilhante: devia rolar pesadamente no espaço, envolto no seu nevoeiro, e

semelhante a um navio abandonado ao incêndio”. Ao olhar para o filho ilegítimo, ele vê que “trazia já o mundo no coração, como um germe de podridão oculto na polpa de um fruto”. Na cela da prisão, ele reflete: “Aquele lugar se parecia muito com o mundo: regurgitante de luxúria e de crime, e de amor insatisfeito; seu fedor subia até o céu; mas o padre tinha consciência de que afinal de contas ali se podia encontrar a paz quando se tinha plena certeza de que o fim estava próximo.” Sua faceta cética, imprudente e de grande desdém pela vida permeou, dentre outras empreitadas precipitadas, a viagem de Greene ao México em 1938.

Desde 1936 ele buscava uma forma de viajar para o México a trabalho, com o intuito de escrever sobre “a mais cruel perseguição religiosa no mundo desde o reino de Elizabeth”. A perseguição chegara ao ápice alguns anos antes, sob o governo do presidente Calles, eleito em 1924, e do notório ateu e governador de Tabasco, Garrido Canabal. Greene finalmente conseguiu o apoio que queria através das editoras Longman’s (na Inglaterra) e Viking (nos Estados Unidos); ele sobreviveu à viagem e produziu seu livro, *The Lawless Roads* [Estradas sem lei] na Inglaterra e *Another Country* [Outro país] nos Estados Unidos. (Houve um tempo em que tais variações transatlânticas nos títulos eram comuns; *O poder e a glória* foi publicado originalmente pela Doubleday com o que Greene chamou de “um título difícil e enganoso, *The Labyrinthine Ways*” [Os caminhos labirínticos].) *Another Country* ainda rende uma boa leitura, apesar de seu caráter episódico e, em alguns trechos, da escrita desleixada. Com grande charme, Greene insere em seu texto alguns trechos de Trollope e

Cobbet (cujas obras lera durante a viagem) e relatos dos próprios sonhos. Muitos elementos do romance são facilmente reconhecíveis: a geografia, os abutres, a disposição e o torpor de Villahermosa, o amigável e corrupto delegado de polícia, o inoportuno professor de colégio local que tenta substituir o padre após seu banimento, a *finca* europeia cujos proprietários se banham em meio a peixes mordiscantes, o torrão de açúcar, o mestiço enlameado (encontrado atrás de uma máquina de escrever no vilarejo de Yajalon) e o surgimento dos muitos rumores sobre o padre bêbado, bem como sua insistência ébria em batizar a filha com o nome Brigitta. Mas tudo foi transposto e editado de forma magnífica: a base para a fuga em que o padre cruza no lombo de uma mula o território (criado aos moldes de Tabasco) foram as viagens angustiantemente longas que Greene fez por Chiapas enquanto se dirigia a Las Casas, aonde seu padre ficcional jamais chegaria. Se o transporte aéreo entre Yajalon e Las Casas não houvesse sido cancelado em razão das chuvas, é possível que o romance não contasse com seu meio de transporte mais memorável e de caráter mais bíblico.

O tom também passou por uma transformação: em *Another Country*, Greene se aproxima muito da imagem do turista exasperado: ele odeia a comida, os modos, os hotéis, os ratos, os mosquitos, as viagens de mula, as ruínas e os suvenires mexicanos, e chega a atacar a “assombrosa falta de expressão dos olhos castanhos”. No romance, ao retratar um mexicano que se move em meio a outros mexicanos (no geral, os mais pobres e desprestigiados), toda sua rabugice se esvai, engolida por questões de vida e morte e do além. Mesmo em *Another*

Country é possível ver traços de uma postura conciliatória: “O que me deixara exaurido em Chiapas fora a simples exaustão mental, a antipatia, o tédio; de qualquer modo, a vida em meio àqueles bosques escuros de cruzeiros inclinadas evocava valores eternos”.

O padre desviado, já despido de toda sua vivacidade e do respeito dos devotos antes mesmo do início de *O poder e a glória*, perde seu traje e sua mala ao longo do romance. O homem é reduzido aos seus valores eternos, ou à falta deles. Greene, que passou por maus bocados em suas viagens por Chiapas, buscou abrigo em uma cabana à beira da estrada, “um depósito de milho, mas que continha algo difícil de se encontrar no México – o sentimento de bondade humana”. O velho que ali vivia cedeu sua cama, “um estrado de terra coberto por um colchão de palha anteposto à pilha de milho onde os ratos cavoucavam” para Greene, que escreveu sobre o episódio: “Só o que restava era um homem velho, a ponto de morrer de fome em uma cabana repleta de ratos, mas que recebia estrangeiros sem dizer uma palavra sobre pagamento enquanto proseava suavemente na escuridão. Eu me senti em meio aos habitantes do céu”. *Felizes os pobres de espírito, pois a eles pertence o reino do céu.*

A simpatia de Graham Greene pelos pobres de espírito e pelos rejeitados do mundo antecede sua conversão religiosa e, aparentemente, perduraram mais que ela: Greene relatou a Norman Sherry já não ter certeza se acreditava em Deus, e em *A Sort of Life* ele conta como “muitos de nós abandonamos a confissão e a comunhão para nos juntarmos à Legião Estrangeira da Igreja e lutar por uma cidade onde já não

gozamos de cidadania plena”. Sua fé religiosa sempre foi acompanhada pela convicção de que, como afirmou em um ensaio sobre Eric Gill em 1941, “O conservadorismo e o catolicismo deveriam ser... parceiros impossíveis”. Ao refletir sobre o México em *Ways of Escape* (no qual relata que *O poder e a glória* foi escrito em Londres, sempre às tardes, vagarosamente, sob efeito de benzedrina, após longas manhãs de trabalho frenético em *The Confidential Agent*), ele não se queixa de que o governo atual fosse de esquerda, mas do fato de que não era suficientemente de esquerda, se comparado ao de Cuba. Suas simpatias acabaram gerando um firme antiamericanismo característico do pós-guerra, e uma ânsia bastante atípica por líderes semelhantes a Fidel Castro e Kim Philby. Mas a energia e a grandiosidade de seu melhor romance advêm desse mesmo desejo de compaixão, um comunismo idealizado ainda mais cristão que o comunismo. Sua unidade é o indivíduo, em detrimento de qualquer classe. Em sua cela escura, o padre percebe que “quando se pode imaginar com minúcia o rosto de um homem ou de uma mulher, a gente começa inevitavelmente a sentir piedade... uma qualidade da imagem de Deus...”.

John Updike, 1990

Para Gervase

*Fecha-se o cerco; avança, cada vez mais forte,
o solerte poder da opressão e da morte.*

DRYDEN

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

O PORTO

SR. TENCH SAIU PARA buscar o seu tubo de éter, sob o ardente sol mexicano e a poeira alvacentas. Do alto do telhado, alguns abutres olharam para ele com sórdida indiferença: ainda não era carniça. Um tímido sentimento de revolta agitou o coração do sr. Tench e, com as unhas, ele arrancou uma pedra do solo e atirou-a molemente contra os bichos. Um deles ergueu-se e voou por sobre a cidade: sobre a pequena praça, sobre o busto de um ex-presidente, ex-general, ex-criatura humana, sobre as duas tendas que vendiam água mineral, na direção do rio e do mar. Ali nada encontraria: era para aquelas bandas que os tubarões vinham procurar o que comer. Sr. Tench atravessou a praça.

Disse *buenos días* a um homem de espingarda, sentado numa estreita nesga de sombra contra um muro. Mas ali não era como na Inglaterra: o homem não disse coisa alguma, limitando-se a olhar de má vontade para o sr. Tench, como se nunca houvesse lidado com aquele estrangeiro, como se o sr. Tench não fosse responsável pelos dois dentes de ouro que lhe havia colocado. Suando em bicas, o sr. Tench passou pela Tesouraria, que fora antes uma igreja, e encaminhou-se para o cais. Eis que no meio do caminho se esqueceu de súbito por que motivo havia saído. Seria para tomar um copo de água

mineral? Era só o que havia para beber naquela província onde vigorava a lei seca, exceto cerveja, que era monopólio do Governo e muito cara, a não ser em certas ocasiões. Uma terrível sensação de náusea convulsionou o estômago do sr. Tench — não podia ser água mineral o que desejava. Ah! sim... o seu tubo de éter... o vapor já estava atracado. Tinha ouvido o seu alvissareiro apito enquanto descansava na cama, após o lanche. Passou pelas barbearias e pelos consultórios de dois dentistas e adentrou o cais entre um armazém e o edifício da Alfândega.

O rio corria pesadamente para o mar por entre as plantações de banana: o *General Obregon* achava-se ancorado e estavam descarregando cerveja — já se viam no cais umas cem caixas empilhadas. Sr. Tench parou à sombra da Alfândega e pensou: Que diabo vim fazer aqui? A memória fugia-lhe com o calor. Sentiu a bílis subir-lhe à boca e cuspiu desanimadamente. Depois sentou-se em cima de um caixote e ficou à espera. Não havia nada que fazer. Ninguém o procuraria antes das cinco.

O *General Obregon* tinha cerca de trinta metros de comprimento. Com alguns pés de amurada em mau estado, um barco salva-vidas, um sino pendente de uma corda podre, um lampião na proa, parecia capaz de aguentar mais dois ou três anos no Atlântico, caso não apanhasse uma nortada no golfo. Aí então seria o fim. Isso, na verdade, não importava: ficava-se automaticamente segurado ao comprar a passagem. Meia dúzia de passageiros se debruçavam na amurada, entre perus amarrados, e contemplavam o porto: os armazéns, a rua deserta e escaldante dos dentistas e barbeiros.

Sr. Tench ouviu atrás de si um ranger característico de coldre e voltou o rosto. Um funcionário da Alfândega estava a olhá-lo raivosamente. Disse qualquer coisa que o sr. Tench não pôde compreender.

“Como?”

“Os meus dentes”, disse o homem com voz engrolada.

“Ah!”, disse o sr. Tench, “sim, os seus dentes...” O homem não tinha nenhum: era por isso que não podia falar com clareza. Sr. Tench havia arrancado todos. Sentiu-se novamente acometido de enjoo. Alguma coisa não estava indo bem. Lombrigas, pensou, disenteria, talvez... “A dentadura está quase pronta”, disse ele. “Hoje de noite”, prometeu com raiva. Claro que era impossível; mas era assim que se vivia, adiando tudo. O homem deu-se por satisfeito: podia ser que se esquecesse, e, afinal de contas, que poderia fazer? Tinha pago adiantado. Essa era a vida do sr. Tench: o calor e o esquecimento, deixar para amanhã o que poderia fazer hoje e, se possível, receber adiantado. Mas para quê? Fitou as águas vagarosas: a barbatana de um tubarão movia-se como um periscópio na embocadura do rio. Várias embarcações, encalhadas com os anos, ajudavam agora a escorar a margem do rio, com as suas chaminés inclinadas como canhões, apontando para algum alvo distante além dos bananais e dos pântanos.

O tubo de éter, pensou o sr. Tench, quase ia me esquecendo. Sua boca pendeu aberta e ele começou a contar ociosamente as garrafas de Cerveza Moctezuma. Cento e quarenta caixas. Doze vezes cento e quarenta. A saliva espessava em sua boca. Quatro vezes doze: quarenta e oito.

“Hum! É bem bonita!”, disse em voz alta, na sua língua natal. Mil e duzentas, mil seiscentas e oitenta... Cuspiu, olhando com vago interesse para uma moça na proa do *General Obregon*, bela e esbelta — eram em geral tão gordas —, olhos castanhos, naturalmente, e o indefectível brilho do dente de ouro, mas algo de fresco e juvenil... Mil seiscentas e oitenta garrafas a um peso cada uma.

Alguém murmurou em inglês: “Que disse?”

Sr. Tench voltou-se rapidamente. “É inglês?”, perguntou, espantado, mas, à vista da cara larga e das faces cavas e sombreadas de uma barba de três dias, modificou a pergunta: “Fala inglês?”.

O homem disse que sim, que falava um pouco de inglês. Estava ali parado à sombra, muito teso, com um modesto traje escuro à moda da cidade e uma pequena mala de mão. Trazia um romance debaixo do braço: na capa destacavam-se trechos de uma cena de amor, vistosamente colorida. “Desculpe”, disse ele, “pensei que estivesse falando comigo.” Tinha olhos salientes; dava a impressão de uma intermitente hilaridade, como se tivesse acabado de comemorar um aniversário, sozinho.

Sr. Tench escarrou. “Que foi que eu disse?” Não podia lembrar-se.

“O senhor disse: ‘Hum! É bem bonita!’.”

“Que teria eu querido dizer com isso?” Olhou para o céu implacável! Um abutre pairava no ar como um vigia. “Ah! decerto era a moça. Não é sempre que se vê um bom pedaço por aqui. Quando muito uma ou duas por ano que valha a pena olhar.”

“É bem novinha.”

“Oh! não tenho intenções”, disse sr. Tench, enfadado. “Mas sempre se pode olhar. Faz quinze anos que vivo só.”

“Aqui?”

“Aqui por perto.”

Calaram-se; o tempo passou, a sombra da Alfândega alongou-se mais alguns centímetros na direção do rio: o abutre moveu-se um pouco, como um negro ponteiro de relógio.

“O senhor veio *nesse vapor?*”, indagou sr. Tench.

“Não.”

“Vai embarcar nele?”

O homenzinho não parecia disposto a responder, mas, afinal, como se julgasse necessário dar uma explicação, replicou: “Estava apenas olhando. Deve partir em breve, não?”.

“Para Vera Cruz”, disse sr. Tench. “Dentro de poucas horas.”

“Sem tocar em nenhum porto?”

“Onde poderia tocar?”, perguntou sr. Tench. “Como você veio para cá?”

“De canoa”, respondeu vagamente o desconhecido.

“Tem uma plantação?”

“Não.”

“É bom ouvir falar inglês”, disse sr. Tench. “O senhor aprendeu nos Estados Unidos, não foi?”

O homem fez que sim com a cabeça. Não era muito conversador.

“Ah, o que eu não daria para estar lá agora”, suspirou o sr. Tench. E indagou ansiosamente em voz baixa: “Por acaso o senhor não terá nessa maleta qualquer coisa que se beba?”

Alguns dos que vêm de lá — conheci dois ou três — trazem sempre certa quantidade para fins terapêuticos.”

“Só trago remédios”, disse o homem.

“O senhor é médico?”

Os olhos inflamados fitavam astutamente, de soslaio, o sr. Tench. “Quem sabe se o senhor não queria dizer: curandeiro?”

“Especialidades farmacêuticas? A gente precisa viver”, disse sr. Tench.

“O senhor vai embarcar?”, indagou o outro.

“Não, eu vim aqui para... Bem, em todo caso, não importa.” Levou a mão ao estômago e disse: “O senhor não tem aí algum remédio para... Oh, diabo! Não sei para quê. É esta maldita terra. Disto o senhor não me pode curar. Nem o senhor, nem ninguém.”

“Quer voltar para a sua terra?”

“A minha terra?”, disse sr. Tench. “A minha terra é aqui. Viu a quanto está o peso na Cidade do México? Vinte e cinco centavos. Vinte e cinco. Santo Deus! *Ora pro nobis.*”

“O senhor é católico?”

“Não, não. É um modo de falar. Não acredito nessas coisas.” E acrescentou, inconsequentemente: “Em todo o caso, está fazendo muito calor”.

“Eu desejaria sentar nalguma parte.”

“Vamos até minha casa. Tenho uma rede vaga. O vapor só sai daqui a algumas horas, se é que o senhor deseja assistir à partida.”

“Estava esperando encontrar alguém”, disse o desconhecido. “Um tal de Lopez.”

“Oh, deram-lhe um tiro há dias.”

“Foi morto?”

“O senhor sabe como são as coisas aqui... Ele era seu amigo?”

“Não, não”, apressou-se o homem em protestar. “Apenas amigo de um amigo meu.”

“Pois foi isso mesmo”, disse sr. Tench. Sentiu de novo a bÍlis subir-lhe à boca e cuspiu para o lado, à luz crua do sol. “Dizem que ele costumava auxiliar certos... indesejáveis... bem, a fugir. A pequena dele está agora com o chefe de polícia.”

“A pequena dele? Quer dizer a sua filha?”

“Ele não era casado. Estou falando da pequena com quem vivia.” Sr. Tench ficou por um momento surpreso com a expressão do desconhecido. “O senhor sabe como são as coisas...”, repetiu. Olhou para o *General Obregon*. “Ela é um pedaço. Naturalmente, daqui a uns dois anos estará como as outras. Gorda e estúpida. Meu Deus, não seria mau um traguinho. *Ora pro nobis*.”

“Tenho um pouco de aguardente”, disse o desconhecido.

Sr. Tench olhou para ele com vivacidade. “Onde?”

O desconhecido apontou para o quadril, como a indicar a origem da sua estranha hilaridade nervosa. Sr. Tench tomou seu pulso e disse: “Cuidado! Aqui não”. Olhou para o trilho de sombra no chão: um guarda achava-se reclinado sobre um caixote vazio, dormindo ao lado de seu fuzil. “Venha até minha casa”, disse sr. Tench.

“Queria ver partir o vapor”, retrucou o homenzinho com relutância.

“Oh, ainda levará horas”, assegurou-lhe de novo sr. Tench.

“Horas? Tem certeza? Faz muito calor ao sol.”

“Seria melhor que o senhor desse uma chegada lá em casa.”

“Casa” era a expressão que significava quatro paredes para abrigar o sono. Nunca fora um lar. Atravessaram a praça escaldante, onde a umidade esverdinava o falecido general e onde as tendas de gasosa[1] se erguiam sob as palmeiras. Aquela casa, para o sr. Tench, era tal como um cartão-postal em cima de outros mais antigos: era só baralhar e surgia Nottingham, o lugar onde nascera nos arredores de Londres, depois Southend, onde vivera algum tempo. Seu pai também tinha sido dentista, e a mais remota das suas recordações era ter encontrado um molde no cesto de papéis, uma boca de gesso desdentada e escancarada, que mais parecia um achado arqueológico feito em Dorset — restos de um Neandertal ou de um Pithecanthropus. Fora o seu brinquedo favorito: queriam tentá-lo com um Meccano, mas o destino havia vencido. Há sempre um momento na infância em que a porta se abre e deixa entrar o futuro. O porto, com o seu calor úmido, e os seus abutres jaziam no cesto de papéis, de onde o sr. Tench procurou tirá-los. Devíamos ficar agradecidos por não ver os horrores e degradações que cercaram a nossa infância, pelos armários, pelas estantes, por toda parte.

Não havia calçamento: durante as chuvas, a aldeia (pois não passava disso) atolava-se na lama. Mas agora sob os pés sentia-se um chão duro como pedra. Os dois homens passaram em silêncio pelas barbearias e os consultórios dos dentistas; em cima dos telhados, os abutres pareciam à vontade como aves domésticas; catavam piolhos debaixo das largas asas empoeiradas.

“Com licença”, disse sr. Tench, parando diante de uma casinha de madeira, de um só andar, com uma varanda onde balançava uma rede. A casa era um pouco maior do que as outras da viela que se estendia por uns duzentos metros até o pântano. “Não gostaria de dar uma olhada?”, disse ele, nervoso. “Não é para me gabar, mas eu sou o melhor dentista da terra. A instalação não é má.” O orgulho tremia-lhe a voz como uma plantinha frágil.

Fechando a porta atrás de si, conduziu-o através de uma sala de jantar, com duas cadeiras de balanço de cada lado da mesa vazia, alguns exemplares de velhos jornais americanos e um armário. “Vou tirar os copos, mas primeiro queria mostrar... o senhor é um homem educado...” O consultório dava para um pátio, onde alguns perus se moviam pomposamente. Havia ali uma broca de pedal, uma vistosa cadeira de dentista forrada de pelúcia vermelha, um armário de vidro onde se amontoavam instrumentos empoeirados. Viam-se mais um par de tenazes, uma lâmpada de álcool quebrada, jogada a um canto, e pensos de algodão em rama, espalhados pelas prateleiras.

“Muito bonito”, comentou o desconhecido.

“Não está mau, para este lugar. O senhor não imagina as dificuldades. Essa broca”, continuou ele amargamente, “é de fabricação japonesa. Tenho apenas há um mês e já está estragando. Mas não estou em condições de adquirir brocas americanas.”

“A janela é muito bonita”, disse o desconhecido.

Tinham colocado ali um fragmento de vitral: uma Madona contemplava através dos caixilhos os perus do pátio. “Arranjei-

o quando saquearam a igreja”, disse sr. Tench. “Não ficaria bem um consultório de dentista sem vitrais. Não seria civilizado. Na minha terra — quero dizer na Inglaterra — era geralmente o Cavaleiro Risonho, não sei por quê, ou então a rosa dos Tudor. Mas nem sempre se pode escolher.”

Abriu outra porta e disse: “O meu gabinete de trabalho”. A primeira coisa que se via era uma cama com um mosquiteiro. “O senhor compreende”, disse sr. Tench, “a escassez de espaço.” Na extremidade de um banco de carpinteiro estava um jarro com a respectiva bacia e uma saboneteira; na outra extremidade havia um espevitador, um tabuleiro de areia, umas pinças e uma pequena fornalha. “Molde em areia”, disse sr. Tench. “Que mais se pode fazer num lugar destes?” Pegou o molde de um maxilar inferior. “Nem sempre fica bem, e o pessoal naturalmente se queixa”, disse ele. Tornou a pousá-lo e apontou para outro objeto que se achava em cima do banco, alguma coisa fibrosa, semelhante a um intestino, com duas bexigas de borracha. “Fissura congênita”, explicou. “Foi a primeira vez que tentei. O caso Kingsley. Não sei se dará resultado. Mas a gente precisa estar à altura das circunstâncias.” Ficou boquiaberto, o olhar vago voltou: o calor naquele pequeno cômodo era sufocante. Ali estava ele, como um homem perdido numa caverna, entre os fósseis e instrumentos de uma era de que pouco soubesse.

“E se nos sentássemos?”, sugeriu o desconhecido.

Sr. Tench olhou para ele com ar pasmado.

“Ah! sim, a aguardente.”

Tirou dois copos de um armário de baixo do banco e limpou os vestígios de areia. Depois foram os dois sentar-se

nas cadeiras de balanço da sala da frente. Sr. Tench serviu a bebida.

“Com água?”, perguntou o desconhecido.

“A gente não pode confiar na água”, disse sr. Tench. “Atacou-me aqui.” Levou a mão ao estômago e bebeu um trago. “O senhor também não está com boa cara”, acrescentou, examinando atentamente o outro. “Os seus dentes.” Faltava um canino, e os da frente estavam cariados e amarelados de tártaro. “Precisa tratar deles.”

“Para quê?”, retrucou o desconhecido. Tinha no copo um pouco de aguardente que guardava com cautela, como se se tratasse de um animal a quem tivesse dado abrigo, mas em quem não confiasse. O rosto cavo e por barbear dava-lhe o ar de um pobre-diabo, vencido pela falta de saúde ou as preocupações. Estava sentado na ponta da cadeira de balanço, com a maleta a balançar sobre os joelhos e adiando o instante de tomar a aguardente, com uma espécie de culposos afeto.

“Beba, que lhe fará bem”, animou-o sr. Tench (a bebida não era dele). A roupa escura e os ombros pendentes do homem traziam-lhe à mente desagradáveis ideias fúnebres, e a morte já se mostrava nos dentes cariados do seu interlocutor. Sr. Tench serviu-se de outra dose. “A gente se sente muito só aqui”, disse ele. “Faz bem falar inglês, mesmo com um estrangeiro. Talvez queira ver um instantâneo de meus garotos...” Tirou do bolso um instantâneo amarelecido e entregou-o ao visitante. Num quintal, duas crianças disputavam um regador. “Claro que foi há dezesseis anos”, explicou.

“Então agora já são uns homens.”

“Um deles morreu.”

“Ao menos”, disse o outro delicadamente, “foi num país cristão.” Bebeu um gole da sua aguardente e sorriu meio tolo para o sr. Tench.

“Sim, creio que sim”, disse sr. Tench com surpresa. Cuspiu e acrescentou: “Mas isso, naturalmente, não tem muita importância para mim.” Ficou calado, com o pensamento longe, boquiaberto, o rosto lívido, até que uma pontada no estômago o despertou; serviu-se então de mais aguardente. “Vejam... De que estávamos falando? Ah, os garotos. É engraçado... As coisas de que a gente se recorda... Sabe? Lembro mais daquele regador do que dos pequenos. Era verde, custou três xelins, onze pence e três farthings. Eu poderia até levá-lo à loja onde o comprei. Mas, quanto aos garotos,” e fixando o copo, mergulhou no passado, “pouco me lembro, a não ser do choro deles.”

“E tem tido notícias?”

“Ah, deixei de escrever, antes mesmo de vir parar aqui. Para quê? Não podia mandar dinheiro. Não me admiraria que a minha mulher tivesse casado de novo. A mãe dela é que havia de ficar satisfeita, aquela cachorra: ela jamais gostou de mim.”

“É terrível”, disse o desconhecido em voz baixa.

Sr. Tench tornou a examinar com surpresa o companheiro. Ali estava ele, pousado na sua cadeira, como um negro ponto de interrogação, pronto para ir, pronto para ficar. A barba de três dias dava-lhe um aspecto pouco recomendável e um ar de docilidade: alguém a quem se poderia mandar fazer o que quer

que fosse. “Refiro-me ao mundo”, disse ele, “à maneira como as coisas acontecem.”

“Beba a sua aguardente.”

O forasteiro bebericou, como por favor. Depois disse: “Não se lembra deste lugar antes... antes que viessem os Camisas Vermelhas?”.

“Mais ou menos.”

“Era muito bom naqueles tempos.”

“Ah, sim? Não notei.”

“Pelo menos tinham... Deus.”

“Nos dentes não se nota a mínima diferença”, disse sr. Tench, tornando a servir-se da aguardente do desconhecido. “Foi sempre um lugar horrível. Solitário. Lá na minha terra diriam que é romântico. Mas eu pensava: cinco anos aqui e vou embora. Trabalho havia bastante. Dentes de ouro. Mas depois o peso baixou. Agora não posso sair. Mas o dia há de chegar. Deixarei o trabalho, irei para a minha terra. Viverei como um verdadeiro gentleman.” E, apontando para o quarto desguarnecido: “Hei de esquecer tudo isto. Não falta muito... Sou otimista”.

O desconhecido perguntou de repente: “Quanto tempo leva até Vera Cruz?”.

“O quê?”

“O vapor.”

“Em quarenta horas estaríamos lá...”, disse tristemente sr. Tench. “‘A Diligência’, um bom hotel! E também há onde se dance. É uma cidade alegre.”

“Não parece longe. E quanto custa a passagem?”

“Tem de perguntar a Lopez”, disse sr. Tench. “Ele é o agente.”

“Mas Lopez...”

“Ah, sim, já tinha esquecido. Fuzilaram-no.”

Alguém bateu à porta. O desconhecido meteu a maleta embaixo da cadeira e sr. Tench encaminhou-se cautelosamente para a janela. “Todo o cuidado é pouco”, disse ele. “Qualquer dentista digno desse nome tem inimigos.”

Uma voz débil gemeu: “Um amigo...”. E sr. Tench abriu a porta. Imediatamente o sol entrou como uma barra de ferro em brasa.

No limiar da porta, um menino perguntava por um médico. Tinha um grande chapéu e olhos castanhos, de expressão estúpida. Atrás dele, duas mulas resfolegavam e escarvavam a estrada ardente. Sr. Tench respondeu que não era médico, mas dentista. Voltando-se, viu o desconhecido curvado na ponta da cadeira, olhando com um ar de súplica... O menino disse que havia um novo médico na cidade: o outro estava com febre e não queria atender. Era a sua mãe que estava doente.

Uma vaga lembrança despertou no cérebro do sr. Tench. Ele disse, com um ar de descoberta: “É verdade, o senhor é médico, não é?”

“Não, não. Tenho de tomar aquele vapor.”

“Pensei que o senhor tinha dito...”

“Mudei de ideia.”

“Mas só parte daqui a horas”, afirmou sr. Tench. “Nunca obedecem ao horário.” Perguntou ao menino se era muito longe. Este respondeu que ficava a trinta quilômetros.

“É muito longe”, disse sr. Tench. “Vai embora. Vai procurar outro.” Voltou-se para o desconhecido: “Como as coisas se espalham! Todo o mundo já deve saber que o senhor está aqui”.

“Eu não poderia fazer nada”, disse o desconhecido com ansiedade: parecia estar solicitando humildemente a opinião do sr. Tench.

“Vai embora”, repetiu sr. Tench. O menino não se moveu. Estava ali ao sol a olhá-los com infinita paciência. Disse que a sua mãe estava morrendo. Os olhos castanhos não expressavam a mínima emoção: tratava-se de um fato. A gente nasce, os pais morrem, a gente envelhece e também acaba morrendo.

“Se ela está morrendo”, disse sr. Tench, “não adianta o médico ir vê-la.”

Mas o desconhecido ergueu-se, como se, contra a sua vontade, tivesse sido solicitado para um caso a que não poderia furtar-se. “É sempre assim”, disse ele com tristeza.

“Vai ter um trabalhão para não perder o vapor.”

“Vou perdê-lo. Estou destinado a perdê-lo”, disse com raiva. “Dê-me a minha aguardente.” Pegou-a num assomo, com os olhos postos no menino impassível, na rua escaldante, nos abutres que se moviam no céu como dejetos intestinais.

“Mas se ela está morrendo...”, disse sr. Tench.

“Conheço essa gente. Ela deve estar tão moribunda quanto eu.”

“O senhor não pode fazer nada.”

O menino olhava-os com indiferença. Aquela discussão em língua estrangeira era qualquer coisa de abstrato: não lhe dizia

respeito. Ficaria ali esperando até que o médico saísse.

“Que sabe o senhor?”, exclamou o desconhecido com violência. “É o que todo o mundo diz sempre: nada pode fazer!” A aguardente começava a produzir-lhe efeito. E acrescentou com apaixonada amargura: “É o que me dizem no mundo todo.”.

“Em todo o caso”, disse sr. Tench, “há outro vapor. Daqui a duas ou três semanas. O senhor ainda tem muita sorte. Pode sair. Não tem o seu capital aqui.” Pensou no seu capital: a broca japonesa, a cadeira de dentista, a lâmpada de álcool, as pinças e o pequeno fogão para os trabalhos a ouro: era o que o prendia à terra.

“Vamos”, disse o homem ao menino, em espanhol. Voltou-se para o sr. Tench e agradeceu aqueles instantes de repouso à sombra. Tinha aquela espécie de apoucada dignidade a que o sr. Tench estava acostumado: a dignidade das pessoas receosas de uma pequena dor, mas ainda assim sentadas com certa firmeza na cadeira do dentista. Talvez não gostasse muito de viajar de mula. E, na despedida, fazendo lembrar as maneiras de outrora: “Rezarei pelo senhor”.

“Tive muito prazer com a sua visita”, disse sr. Tench. O homem montou na mula e, com o menino a servir de guia, seguiu lentamente sob a luz ofuscante, em direção ao pântano, para o interior. Era de lá que o homem tinha vindo naquela manhã para dar uma vista d’olhos ao *General Obregon*: e para lá voltava. Oscilava levemente na sela, por efeito da bebida. Dentro em pouco era um miserável vulto no fim da rua.

Tinha sido bom falar com um desconhecido, pensou sr. Tench, entrando em casa e fechando a porta à chave, por

causa das dúvidas. Ali o enfrentavam de novo a solidão, o vácuo. Mas já se acostumara com ambos, como com a sua própria face no espelho. Sentou-se na cadeira e começou a embalar-se, produzindo uma leve brisa no ar pesado. Uma estreita fila de formigas movia-se em direção ao lugar onde o desconhecido derramara um pouco de aguardente: pisavam ali e depois se dirigiam em ordenada coluna para a parede oposta e desapareciam. Além, no rio, o *General Obregon* apitou duas vezes, sem que se soubesse por quê.

O desconhecido esquecera seu livro. Estava debaixo da cadeira de balanço: uma mulher, vestida à moda eduardiana, soluçava num tapete, abraçada aos lustrosos e afilados sapatos marrons de um homem. Este, com o seu bigodinho frisado, olhava-a do alto desdenhosamente. O livro intitulava-se *La eterna mártir*. Passado um momento, sr. Tench apanhou-o do chão. Ao abri-lo, ficou espantado, pois o conteúdo não parecia pertencer à capa: era em latim. Sr. Tench ficou pensativo: fechou o livro e levou-o para o seu gabinete. A gente não podia queimar um livro, mas sempre era bom escondê-lo quando não se tinha certeza — isto é, quando não se tinha certeza das coisas que ele continha. Guardou-o dentro do pequeno forno que servia para as ligas de ouro. Depois ficou junto ao banco de carpinteiro, com a boca entreaberta: lembrara-se daquilo que o levara ao cais — o tubo de éter que devia ter chegado no *General Obregon*. De novo ouviu-se o apito no rio e o sr. Tench saiu correndo, sem chapéu, ao sol. Tinha dito que o barco não partiria antes da manhã, mas não se podia confiar demasiado em que aquela gente *não* cumprisse o horário, e, com efeito, quando chegou à margem, entre a Alfândega e o armazém, o

CAPÍTULO 2

A CAPITAL

O PELOTÃO DE POLÍCIA voltava para o quartel. Vinham esfarrapados, com os fuzis pendentes, pontas de linha onde devia haver botões. Eram homens de pequena estatura e negros olhos misteriosos de índio. A pequena praça no alto da colina era alumiada por globos em grupos de três e ligados por fios oscilantes. A Tesouraria, a Presidência, um consultório dentário, a prisão — edifício baixo de colunas brancas, de três séculos —, e depois a rua íngreme, o muro traseiro de uma igreja arruinada: qualquer caminho que se tomasse, acabava-se sempre por chegar à água e ao rio. Clássicas fachadas cor-de-rosa se descarnavam, mostrando por baixo a lama, e a lama, pouco a pouco, revertia à lama. Em volta da praça havia o costumeiro desfile da noite: as mulheres numa direção, os homens noutra. Rapazes de camisa vermelha cercavam bulhentemente as tendas de gasosa.

O tenente marchava à frente de seus homens com um ar de amargo descontentamento. Dava a impressão de que fora acorrentado a eles contra a própria vontade, e a cicatriz de seu maxilar talvez fosse a recordação de alguma fuga. Suas botas e a cinta estavam lustradas e não lhe faltava nenhum botão. Tinha um nariz fino e adunco que se destacava de uma longa face de dançarino: a sua compostura naquela desmazelada

“Concepción e as aldeias vizinhas. Mas há três anos que desapareceu de lá.”

“Que mais se sabe a seu respeito?”

“Pode passar por gringo. Esteve seis anos num seminário dos Estados Unidos. Não sei mais nada. Nasceu em Carmen — o pai tinha um armazém de secos e molhados. Mas isto não adianta coisa alguma.”

“Para mim são todos iguais”, disse o tenente. Uma sensação que poderia dizer-se quase de horror apossou-se dele ao olhar para os vestidos de musselina branca — lembrava-se do cheiro do incenso das igrejas, na sua infância, dos círios, das rendas e das imensas exigências feitas nos degraus do altar por homens que não sabiam o que era sacrifício. Os velhos camponeses ali se prostravam ante as imagens sagradas, de braços abertos em cruz: cansados do longo dia de trabalho nas plantações, procuravam nova mortificação. E o padre vinha com o saco de esmolas, tirando-lhes os centavos, explorando os seus insignificantes pecados, e nada sacrificando em troca, a não ser um pequeno gozo sexual. Mas isso não era difícil, pensava o tenente. Ele próprio não sentia necessidade de mulheres. “Havemos de apanhá-lo”, disse ele. “É apenas questão de tempo.”

“O meu dente!”, gemeu outra vez o chefe. “Isto estraga completamente a vida. Hoje a minha maior tacada foi de vinte e cinco.”

“O que o senhor deve fazer é mudar de dentista.”

“São todos a mesma coisa.”

O tenente agarrou a fotografia e pregou-a na parede. James Calver, ladrão de banco e assassino, ficou com o perfil duro,

a sua infância miserável. Desejaria destruir tudo, ficar sozinho sem nenhuma recordação. A vida começara cinco anos antes.

O tenente estava deitado de costas, de olhos abertos, enquanto os besouros espoucavam contra o teto. Recordava o padre que os Camisas Vermelhas tinham fuzilado contra o muro do cemitério e que era outro homenzinho rechonchudo, de olhos salientes. Era monsenhor e pensava que este título o protegeria: tinha certo desprezo pelo baixo clero, até o último instante invocara a sua qualidade. Foi só no fim que se lembrou das suas orações. Ajoelhou-se e concederam-lhe tempo para um breve ato de contrição. O tenente assistira como espectador, pois o assunto não era de sua alçada. Em todo caso, tinham fuzilado cinco padres, dois ou três haviam fugido, o bispo estava a salvo na Cidade do México, e um só se havia conformado à ordem do governador, que impusera casamento a todos os padres. Morava ele agora junto ao rio, com a sua governanta. Esta era, sem dúvida, a melhor solução: poupar aquele homem que era o exemplo vivo da fraqueza da sua fé. Isso bem prova que, durante anos, tinham vivido na impostura. Pois, se realmente acreditasse no Céu e no Inferno, não se teria recusado a um breve instante de sofrimento para merecer a eternidade... Estendido no seu leito duro naquela quente e úmida escuridão, o tenente não tinha nenhuma simpatia pelas fraquezas da carne.

NUM CÔMODO DETRÁS DA Academia Comercial uma mulher estava lendo para os seus filhos. Duas meninas de seis e dez anos estavam sentadas à borda do leito, enquanto um

“Oh! afinal de contas”, retrucou o marido, “ele não abandonou a partida. Não acredito no que está escrito nesse livro. Nós somos todos humanos.”

“Sabe o que me contaram hoje? Uma pobre mulher levou o filho para batizar. Queria que ele fosse chamado Pedro. Mas o padre estava tão bêbado que não quis saber de nada e deu o nome de Brígida ao menino. Imagina, Brígida!”

“Pois é o nome de uma boa santa.”

“Há momentos em que me faz perder a paciência. Ainda mais: o nosso filho andou falando com o padre José.”

“Esta cidade é muito pequena”, disse o pai. “E nada de ilusões: estamos abandonados. Temos de nos arranjar como pudermos. Quanto à Igreja... a Igreja é o padre José e também o padre bêbado, não conheço outra Igreja. Se ela não nos agrada, pois bem: é só deixá-la.”

Observava-a com paciência. Era mais instruído do que a mulher. Sabia utilizar uma máquina de escrever e possuía alguns rudimentos de contabilidade. Estivera uma vez na Cidade do México. Sabia ler um mapa; via claramente a que ponto estavam abandonados: dez horas para descer o rio até o porto, depois mais quarenta e duas horas no golfo de Vera Cruz. Era a única saída. Ao norte, os pântanos e os rios se perdiam nas montanhas que os separavam da província vizinha. E, do outro lado, a mínima estrada — nada mais que caminhos de mulas e, de tempos em tempos, um avião com o qual não se podia contar, aldeias de índios, choças de pastores; trezentos quilômetros além, o Pacífico.

“Prefiro morrer”, disse ela.

“É claro. Nem se discute. Mas devemos continuar a viver.”

CAPÍTULO 3

O RIO

O CAPITÃO FELLOWS CANTAVA alto para si mesmo, enquanto o pequeno motor ronronava na proa do bote. O grande rosto tisonado lembrava o mapa de uma região montanhosa, com as suas manchas de vários tons de castanho e os dois pequenos lagos azuis que eram os olhos. Cantava com uma voz terrivelmente desafinada umas canções que ia improvisando: “Vou pra casa, vou pra casa, tudo o que eu comer vai ser bem bom, bem bom, bem bom. Adeus, maldito grude desta maldita cidaaaaade!”. Deixou o rio para meter-se por um afluente. Alguns jacarés descansavam na areia. “Não gosto da cara de vocês, malditos bichos, não, não gosto”, cantarolou o capitão. Era um homem feliz.

As plantações de bananeiras estendiam-se em ambas as margens. A voz ressoava sob o sol ardente; aquele canto e o ruído regular do motor eram os únicos sons que se ouviam. Ele estava inteiramente só. Sentia-se arrebatado por uma grande vaga de alegria juvenil: um trabalho de homem, no próprio coração da natureza, nenhuma responsabilidade com quem quer que fosse. Alegria maior, só a sentira num outro país: a França em guerra, em meio da paisagem devastada das trincheiras. O afluente seguia em ziguezague, adentrando-se mais e mais na terra pantanosa e coberta de vegetação, e um

dois se tornavam, ele um garoto em quem não se podia confiar, ela um fantasma que um sopro dissiparia, um bocado de ar assustadiço. Era muito nova, cerca de treze anos e nessa idade não se tem medo de muitas coisas, nem da velhice, nem da morte, nem do que pode acontecer: as mordidas de cobra, a febre, os ratos, um mau cheiro. A vida ainda não a atingira e havia nela um falso ar de invulnerabilidade. Mas já fora, por assim dizer, reduzida ao mínimo. Tudo ali estava, mas em quantidades ínfimas, é o efeito que produz o sol numa criança. A pulseira de ouro no seu punho ossudo era como um cadeado numa porta de lona, que um empurrão faria ceder. “Já disse ao policial que tinha chegado”, disse ela.

“Está bem”, respondeu o capitão. “Não há um beijo para o velho paizinho?”

Ela atravessou solenemente a peça e deu-lhe na fronte um beijo formal: ele sentiu a falta de entusiasmo. A menina tinha outras preocupações. Continuou: “Avisei a cozinheira que mamãe não se levantaria para o jantar.”

“Acho que devia tentar, querida”, disse o capitão Fellows à mulher.

“Por quê?”, perguntou Coral.

“É que...”

“Eu queria falar a sós com o senhor”, disse Coral. Sra. Fellows deslizou até o fundo de sua tenda; estava certa de que a sua retirada final seria arranjada dessa maneira, por sua filha. O bom senso era uma qualidade horrível, que nunca possuía. É o bom senso que proclama: “Os mortos não ouvem”, ou “Deixou de sofrer”, ou “As flores artificiais são mais práticas”.

“O senhor compreende, foi porque eu não deixei que ele revistasse a casa.”

“Por que diabo o impediste?”, disse o capitão Fellows, cujo espírito divagante se fixou de súbito. “E como fizeste para impedi-lo?”

“Eu lhe disse que soltaria os cães em cima dele... e que faria queixa ao cônsul. Ele não tinha o direito...”

“Oh!”, exclamou o capitão, “quanto ao seu direito, eles o carregam na cintura, do lado esquerdo. Não havia nenhuma inconveniência em deixá-lo dar uma batida.”

“Eu lhe dei a minha palavra.” Ela era tão inflexível quanto o tenente: pequena, escura, deslocada no meio daqueles bananais. Sua simplicidade não tinha indulgência com ninguém; o futuro, cheio de compromissos, de angústia, de vergonha, permanecia exterior a ela; a porta pela qual um dia ele entraria, estava ainda fechada. Mas dali por diante, a cada momento, uma palavra, um gesto, a ação mais trivial poderia muito bem ser o seu sésamo... e que encontraria ela atrás? O capitão sentiu medo: reconheceu que a sua ternura excessiva o privava de autoridade. Não se pode exercer controle sobre o objeto amado: o vemos correr imprudente para a ponte ruída, para o precipício do caminho, para o horror do que há de ser setenta anos depois. Fechou os olhos... era um homem feliz... e pôs-se a trautear uma canção.

“O senhor compreende? Eu não gostaria que um homem como aquele descobrisse que eu estava mentindo”, disse Coral.

“Estavas mentindo? Meu Deus”, exclamou o pai, “não me vás dizer que ele está aqui!”

“A vida não é tão má assim, não achas, Trixy? Afinal de contas, não é mau negócio, esta vida!” Mas sentiu que ela se contraía: a palavra “vida” era tabu, fazia pensar em morte. Ela desviou o rosto. Tomada de pânico, via estender-se cada vez mais as fronteiras do seu terror. Associava-lhe pouco a pouco todas as criaturas que dela se aproximavam e o mundo inteiro dos objetos inanimados: era como uma doença infecciosa. Não se pode olhar muito tempo para alguma coisa sem perceber que ali se encontra o germe... Assim, a palavra “lençol”. Afastou o lençol para longe. “Mas como está fazendo calor!”, disse ela. O que era habitualmente feliz, a que era sempre infeliz, imóveis sobre aquele leito, viam com desconfiança a noite adensar-se. Eram dois companheiros separados do resto do mundo; só achavam sentido no que se passava em seus corações; eram transportados através dos espaços infinitos como crianças numa diligência, que ignoram o seu destino. Ele pôs-se a cantarolar, com uma alegria desesperada, uma velha canção do tempo da guerra; não queria ouvir o ruído dos passos que atravessavam o pátio e se dirigiam para o celeiro.

Coral colocou as coxas de frango e as tortilhas no chão e abriu a porta com a sua chave. Trazia uma garrafa de Cerveza Moctezuma debaixo do braço. No escuro ouviu a mesma inquietação de há pouco: um homem que se move e que está com medo. “Sou eu”, disse, para tranquilizá-lo, mas sem acender a lâmpada elétrica. E acrescentou: “Trouxe-lhe uma garrafa de cerveja e comida.”

“Obrigado, obrigado.”

“Os policiais deixaram a aldeia. Vão para o sul. O senhor terá de ir para o norte.”

“Assim.”

“Ah! você quer dizer forte.”

“Eu digo longa por causa do Morse.” Isso estava fora do alcance do padre. Ele disse à menina: “Você é muito boa. Vai rezar por mim?”.

“Oh! Não”, disse ela, “não acredito nessas coisas.”

“Não acredita na oração?”

“Não acredito em Deus. Perdi a fé quando tinha dez anos.”

“Bem, bem”, disse ele. “Então eu é que rezarei por você.”

“Por certo, se isso lhe dá prazer”, disse ela em tom protetor. “Se voltar, eu ensinarei a você o alfabeto Morse. Seria útil.”

“Como?”

“Se o senhor se escondesse na plantação, eu poderia, com o meu espelhinho, dar-lhe informações sobre os movimentos do inimigo.”

Ele escutava com a maior seriedade.

“Mas será que o inimigo não a veria?”

“Oh, eu arranjará uma explicação.” No momento preciso, seu pensamento avançava metodicamente, eliminando todas as objeções.

“Adeus, minha filha”, disse ele.

Hesitou junto da porta. “Talvez... já que as orações não lhe interessam... talvez você gostasse... Conheço um belo truque.”

“Gosto muito disso.”

“Faz-se com cartas. Será que você não tem cartas?”

“Não.”

Ele suspirou. “Então, nada feito” e, de novo, teve um risinho súbito. Ela sentiu o bafio de cerveja de seu hálito.

“Sim, mas deixe-me dormir primeiro.” Deitou-se de costas e fechou os olhos para protegê-los da fumaça.

“Não temos dinheiro para lhe dar, padre. O outro padre, o padre José...”

“Deem-me roupa em vez de dinheiro”, disse ele com irritação.

“Mas nós só temos a que vestimos.”

“Fiquem com a minha em troca.”

O velho pôs-se a resmungar baixinho, observando furtivamente o que a luz do fogo lhe permitia ver da roupa negra e esfarrapada. “Se tem de ser...”, disse ele. Soprou tranquilamente o fogo durante uns momentos. Os olhos do padre tornaram a fechar.

“Em cinco anos, a gente tem tantos pecados a confessar...”

O padre ergueu-se vivamente. “Que foi?”, perguntou.

“Estava sonhando, padre. O menino nos avisará se os soldados voltarem. Eu apenas lhe estava dizendo...”

“Não pode deixar-me dormir cinco minutos?” Tornou a deitar-se. Nalguma parte, numa das choças das mulheres, alguém estava cantando: “Eu fui até meu jardim, ali achei uma rosa”.

O velho disse baixinho: “Seria uma pena que os soldados chegassem antes que nós tivéssemos tempo de... Que fardo para as nossas pobres almas, padre...” O padre ergueu-se e, apoiando-se à parede, disse em tom furioso: “Está bem. Comece. Vou confessá-lo”. Os ratos agitavam-se no milho. “Ande, ande”, disse o padre. “Não perca tempo. Despachemo-nos. Qual foi a última vez que...?” O velho ajoelhou-se junto

ele...”; depois a coisa morreu, ou foi-se: o sr. Tench tinha o hábito de ver sofrer, era o seu ofício. Esperou, prudentemente, e, só depois de ter ouvido alguém bater à porta e uma voz gritar “*con amistad*” — não se pode confiar em ninguém —, foi que se resolveu a puxar os ferrolhos e a abrir a porta para introduzir um cliente.

O PADRE JOSÉ ATRAVESSOU o pórtico clássico com a palavra *Silêncio* inscrita em letras negras e adentrou o que chamavam de Jardim de Deus. Dir-se-ia um terreno loteado onde cada qual mandara construir sem se preocupar com o estilo da casa vizinha. Os grandes mausoléus de pedra eram de todas as alturas e de todas as formas; às vezes se erguia sobre o teto um anjo com asas cobertas de musgo, às vezes se podiam distinguir, por uma porta vidrada, flores de metal a enferrujar-se sobre uma prateleira, o que dava a impressão de estarmos olhando para a cozinha de uma casa cujos donos tivessem se mudado, esquecendo-se de limpar os utensílios. Reinava um ar de intimidade — podia-se ir por toda a parte e tudo examinar. A vida retirara-se completamente daquele lugar.

Ele caminhava entre os túmulos, muito devagar, por causa da sua obesidade. Encontrava enfim um pouco de solidão naquele recinto onde as crianças não entravam, e vinha-lhe uma sensação de vaga nostalgia bem preferível à indiferença total. Alguns daqueles mortos tinham sido enterrados por ele. Os olhinhos de pálpebras inflamadas voltavam-se para um lado e outro. Depois de contornar o enorme túmulo cinzento dos Lopez, família de negociantes que, cinquenta anos antes,

se soubessem que naquele mesmo dia ganhavam um santo que do alto dos céus rezaria por elas!”

A menor das meninas, sentada no leito, perguntou: “Nós temos um santo?”

“Certamente.”

“Por que então queriam elas ter mais um?”

A mãe continuou a leitura: “No dia seguinte, a família inteira recebeu a santa comunhão das mãos dele. Depois se despediram ternamente — não imaginavam que seria para sempre — do novo Soldado de Cristo e voltaram para a sua casa em Morelos. Já as nuvens se amontoavam nos céus e o presidente Calles discutia as leis contra os católicos no seu palácio de Chapultepec.” O diabo estava prestes a atacar o pobre México.

“Quando é que vão começar a fuzilar?”, perguntou o menino, agitando-se contra a parede. A mãe prosseguiu implacavelmente: “Juan, sem que ninguém o soubesse, salvo o seu confessor, preparava-se para os dias maus que se aproximavam, com as mais severas mortificações. Seus companheiros de nada suspeitavam, pois ele era sempre o mais animado nas palestras alegres, e, na festa do aniversário do fundador da Ordem...”

“Já sei, já sei”, disse o menino. “Ele apresentou uma peça.”

As meninas arregalaram os olhos de surpresa.

“E por que não, Luís?”, perguntou a mãe, que se deteve, com o dedo pousado sobre o livro proibido. Ele lançou à mãe um olhar sombrio. “E por que não, Luís?”, repetiu ela. Esperou um instante, depois continuou a leitura. As meninas olhavam para o irmão com horror e admiração. “Foi ele”, continuou a

e tinha recebido uma pequena fórmula impressa que começava assim: “Prezado pai, lamento verificar que...”. O pior é que estavam agora vários anos adiantadas sobre o programa — havia tão poucos outros livros para ler — de maneira que as questões de exame tinham vários anos de atraso. Às vezes, a firma mandava certificados com letras em relevo, para enquadrar, anunciando que a srta. Coral Fellows passara em terceiro lugar com menção honrosa para o segundo grau e assinados com o carimbo de Henry Becklty, B.A., diretor dos Private Tutorials, Ltd. E às vezes chegava uma pequena carta pessoal, datilografada: “Estimada aluna, creio que deveria prestar mais atenção esta semana a...” Essas cartas traziam sempre a mesma assinatura azul um pouco borrada e levavam seis semanas para chegar.

“Querida”, disse sra. Fellows, “vai falar com a cozinheira e manda preparar o almoço, sim? Só para você. Eu seria incapaz de engolir qualquer coisa e seu pai está lá fora, na plantação.”

“Mãe”, disse a pequena, “acredita que existe um Deus?”

A pergunta assustou a sra. Fellows. Balançou-se furiosamente para trás e para diante e disse: “Naturalmente”.

“Eu quero dizer a Imaculada Conceição... e todas essas coisas.”

“Que pergunta, filhinha! Com quem andou falando?”

“Oh! É que eu tenho pensado em tudo isso.” Não esperou por mais resposta; sabia muito bem que não haveria nenhuma. Sempre era a ela que competia tomar as decisões. Henry Beckley, B.A. pusera aquilo tudo numa das suas primeiras lições. Não era mais difícil de aceitar do que a história de João e o Pé de Feijão e na idade de dez anos ela descartara de

súbita de dor, e dirigiu-se para a porta, com desusada rapidez; o tenente lançou um olhar para o marcador: uma corda estendida ao longo da sala, onde se enfiavam as argolas. “Volto... um momento”, disse o *jefe*. E explicou para o tenente: “Não quero abrir... boca”. Enquanto empurrava a porta, alguém ergueu um taco de bilhar e desviou furtivamente uma das argolas do *jefe*.

Subiram a rua lado a lado: o gordo e o magro. Era domingo, e todas as lojas fechavam ao meio-dia, único vestígio dos velhos tempos. Nenhum toque de sino em parte alguma. “Falou com o governador?”, indagou o tenente.

“Você pode fazer tudo”, disse o chefe, “tudo.”

“Ele deixa tudo por nossa conta?”

“Sob condições”, disse o chefe, com um gemido de dor.

“Quais?”

“Você responsável... se... não o pegar... antes... chuvas...”

“Se eu não tiver de ser responsável por mais nada...”, disse o tenente, pensativo.

“Assim o quis, assim o tem.”

“Fico feliz.” Parecia ao tenente que tudo o que lhe importava no mundo estava agora a seus pés. Pasmaram pelo novo edifício construído para o Sindicato dos Operários e Camponeses. Pelas janelas avistaram as grandes pinturas murais de uma astuciosa audácia: um padre acariciando uma mulher no confessionário, outro embriagando-se com vinho sacramentado. “Em breve poderemos dispensar essas coisas”, disse o tenente. Olhava para as pinturas com olhos de estrangeiro, pareciam-lhe bárbaras. “Um dia hão de esquecer que houve uma igreja aqui.”

“Seis.”

“O senhor matou alguém com ela?”

“Ainda não”, respondeu o tenente.

O interesse lhes tirava o fôlego. De mão no coldre observava os olhos escuros, intensos e pacientes. Haveria de eliminar daquela infância tudo quanto havia tornado a sua desgraça, tudo quanto era miséria, superstição, corrupção. Mereciam saber toda a verdade: o vazio do universo, a terra a esfriar, o direito de cada qual ser feliz à sua maneira. Pela salvação deles, estava pronto para fazer um massacre — primeiro a Igreja, depois os estrangeiros, depois os políticos — até o seu próprio chefe teria de marchar um dia. Queria começar o mundo de novo com eles, num deserto.

“Oh!”, disse Luís, “eu queria... eu queria...”, como se a sua ambição fosse muito vasta para que pudesse ser definida. O tenente estendeu a mão num gesto de afeição” um ligeiro contato, não sabia como fazer. Beliscou a orelha do menino e o viu recuar de dor: eles fugiram-lhe como um bando de pássaros, e ele continuou sozinho através da praça para o posto policial, pequeno e lesto vulto de ódio, carregando o seu segredo de amor. Na parede do gabinete, o gangster continuava de perfil, a olhar teimosamente para a festa de primeira comunhão: alguém fizera um círculo a tinta em redor da cabeça do padre para destacá-la das faces das moças e das senhoras: um insuportável sorriso no meio de uma auréola. O tenente gritou furiosamente para o pátio: “Não há ninguém aqui?!”. Depois sentou-se à mesa. Ouvia-se lá fora o ruído das coronhas no solo.

outra. Cinco anos antes, deixara-se arrastar ao desespero, o pecado sem remissão, e eis que presentemente voltava ao teatro do seu desespero, com o coração singularmente aliviado. Pois também havia vencido o desespero. Era um mau padre, sabia-o, um padre bêbado. Mas todas as suas faltas, ele as perdera de vista e as esquecera: iam-se acumulando secretamente, nalguma parte, os detritos das suas faltas. Um dia, ao que supunha, esses detritos acabariam por destruir o manancial da graça. Até então, prosseguiria, com períodos de temor, de cansaço, com uma envergonhada leveza de coração.

A mula chapinhou através da clareira e entraram de novo na floresta. Ter vencido o desespero não significava, é claro, que não estivesse condenado, mas simplesmente que, após certo tempo, o mistério se tornara demasiado grande — um condenado pondo a Deus na boca dos outros homens: que estranho servo do Diabo, esse! Seu espírito estava cheio de uma mitologia simplificada: S. Miguel de armadura abatia um dragão e os anjos tombavam do céu como cometas de belas cabeleiras flutuantes, por se terem enciumado, como um dos Padres da Igreja o dissera, de que Deus concedesse aos homens o imenso privilégio da vida — desta vida.

Havia sinais de cultivo: troncos de árvores cortados e cinzas nos lugares onde o solo estava sendo limpo para a ceifa. Deixou de tocar a mula; sentia uma estranha timidez. De uma cabana saiu uma mulher e ficou a vê-lo subir lentamente o caminho, montado na mula cansada. A aldeola, duas dúzias de cabanas em torno de uma praça poeirenta e nada mais, era conforme o modelo, mas lhe estava bem junto do coração. Ali se sentia em segurança, estava certo de que seria bem

Foi a mulher quem falou em seu lugar, raivosamente: “É claro que ele pode passar a noite aqui. É o mínimo que podemos fazer”.

“Eu rezarei missa amanhã de manhã para vocês”, falou o padre, como se estivesse a suborná-los, mas com dinheiro roubado, a julgar pela expressão de receio e má vontade de todos eles.

“Se não se importar, padre”, propôs alguém, “reze a missa bem cedo... de noite talvez.”

“Mas que há com vocês todos?”, perguntou ele. “Por que estão com medo?”

“Mas não ouviu dizer...?”

“O quê?”

“Que agora estão tirando reféns de todas as aldeias onde julgam que o padre esteve. E se a gente não fala... alguém é fuzilado... e depois tomam outro refém. Aconteceu em Concepción.”

“Concepción?” Uma das suas pálpebras começou a agitar-se, para cima e para baixo, para cima e para baixo. “Quem?”, perguntou ele. Todos o olhavam com ar estúpido. O padre disse furiosamente: “Quem foi que eles mataram?”

“Pedro Montez.”

Ele lançou um pequeno grito agudo, como um ganido de cachorro — absurda abreviação da dor. A criança-velha riu. “Por que não me pegam?”, disse ele. “Idiotas! Por que não *me* pegam?” A menina riu de novo. Olhou-a sem a ver, como se o som chegasse até ele enquanto o rosto permanecia oculto. Mais uma vez a felicidade havia morrido antes de ter tido tempo de respirar e o padre permanecia ali como uma mulher

aguardante o tinham levado a um ato que o horrorizava — e o resultado era aquele inquieto, envergonhado e todo-poderoso amor. “Por que”, perguntou ele, “por que não quer dizer o seu catecismo?” Sem permitir que seus olhares se cruzassem, examinava-a disfarçadamente, enquanto sentia o coração palpitar em grandes batidas desiguais, como uma velha bomba, no frustrado desejo de salvá-la — de tudo.

“Por que devo dizer o catecismo?”

“O bom Deus o quer.”

“Como é que o senhor sabe?”

Sentiu pesar sobre si uma imensa responsabilidade: isso se confunde com o amor. Todos os pais, pensou, devem sentir o mesmo; os homens comuns passam a vida assim, a bater em madeira, a rezar contra as dores, contra o medo... A isso escapamos facilmente, oferecendo o sacrifício de um insignificante movimento de corpo. É verdade que, durante anos, tivera a responsabilidade das almas, mas era muito diferente... muito mais leve. A gente pode fiar-se na indulgência de Deus, mas não na indulgência da varíola, da fome, dos homens... “Minha querida”, disse ele, apertando fortemente os dedos em torno do frasco de bebida. Tinha-a batizado por ocasião de sua última visita: assemelhava-se a uma boneca de trapos, de cara enrugada e envelhecida, parecia pouco provável que vivesse... Só sentira um pesar; era-lhe difícil envergonhar-se num lugar onde ninguém o censurava. Era o único padre que a maioria deles jamais tinha visto, e, por ele, julgavam todo o clero. Até as mulheres.

“O senhor é o gringo?”

“Que gringo?”

Por último, a mulher deixou a cabana e ele a ouviu tagarelar lá fora. Estava surpreso e um pouco aliviado com a elasticidade do caráter de Maria. Uma só vez, sete anos atrás, durante cinco minutos, tinham sido amantes, se assim se pode falar em relações durante as quais ela nem ao menos o chamara pelo nome de batismo. Para ela, fora um acidente, uma arranhadura que cicatriza perfeitamente numa carne sadia: tinha até algum orgulho de ter sido mulher do padre. Só ele carregava uma ferida profunda, como se todo um mundo se houvesse extinguido.

Estava escuro: nenhum sinal ainda do amanhecer. Cerca de vinte e quatro pessoas achavam-se sentadas no chão de terra da cabana maior e ouviam-no pregar. Não podia distingui-las com nitidez; das velas colocadas sobre um caixote o fumo subia verticalmente; a porta estava fechada, não havia a mínima corrente de ar. De pé entre aquela gente e as velas, com as calças rotas e a camisa de peão em farrapos, ele lhes falava do Céu. Eles resmungavam e mexiam-se inquietamente; o padre sabia que estavam ansiosos por que a missa terminasse, tinham-no despertado bem cedo, pois corriam rumores de que a polícia não estava longe...

Ele dizia: “Um dos Padres da Igreja nos ensina que a alegria sempre depende da dor. O sofrimento faz parte da alegria. Quando temos fome, pensamos como o alimento nos parecerá bom afinal. Quando temos sede...” Parou de súbito; seus olhos procuraram devassar a sombra, à espera de um riso cruel, que não veio. Prosseguiu: “Nós nos privamos para melhor apreciar. Já ouviram falar nesses ricos do norte que comem coisas salgadas, a fim de aumentar a sede, antes de beber o que

durante dois anos carregara consigo um cálice: uma vez poderia ter-lhe custado a vida, se o oficial de polícia que examinou a sua maleta não fosse católico. Era aliás possível que o próprio oficial houvesse pago com a vida, se a sua falta fosse descoberta. Quem sabe... Sabe lá Deus que mártires a gente faz de passagem... em Concepción ou outro lugar... ao passo que não se tem a graça necessária para morrer.

A Consagração se fez em silêncio: nada de campainha. Exausto, o padre ajoelhou-se perto do caixote, incapaz de rezar. Alguém abriu a porta; uma voz angustiada murmurou: “Eles estão aqui”. Portanto, não tinham vindo a pé, pensou ele vagamente. Nalguma parte, no silêncio absoluto do dia nascente, um cavalo relinchou.

O padre ergueu-se. Maria chegou-se a ele.

“A toalha, padre, dê-me a toalha”, disse ela. Ele apressou-se a colocar a hóstia na boca e beber o vinho: era preciso evitar a profanação; num instante a toalha foi retirada do caixote. Maria esmagou com a mão os pavios das velas, para que não expandissem mais cheiro... A peça já se esvaziara; apenas o dono da cabana permanecia perto da entrada para beijar a mão do padre. Pela abertura, via-se o mundo emergir lentamente da sombra, e na aldeia um galo cantou.

“Venha para a minha cabana, depressa”, disse Maria.

“Sim, é melhor...” Ele não tinha nenhum plano estabelecido. “É melhor que não me encontrem aqui.”

“Eles cercaram a aldeia.”

Seria, então, o fim? Perguntou a si mesmo. Oculto, à espreita, o medo não ia tardar a arremessar-se sobre ele; mas ainda não sentia medo. Acompanhou a mulher, que

permitido circular livremente. O padre viu a sua própria filha de pé, ao lado do cavalo do tenente, com a cabeça ao nível da bota; ela estendeu a mão e tocou o couro. “Estou procurando dois homens”, disse o tenente. “Um deles é um gringo, um ianque, um assassino. Bem vejo que ele não está aqui. Há uma recompensa de quinhentos pesos para quem fizer prendê-lo. Fiquem de olhos abertos.” Fez uma pausa e olhou-os um após outro. O padre sentiu o seu olhar pousar em si e baixou os olhos, como os outros, para o chão.

“O outro”, disse o tenente, “é um padre.” Elevou a voz. “Vocês bem sabem o que isto significa: um traidor da República. Todos os que lhe dão asilo são também traidores.” Sua imobilidade pareceu enfurecê-lo. “Vocês são uns imbecis”, gritou, “se ainda acreditam no que lhes dizem os curas. O que eles querem é o dinheiro de vocês, nada mais. Que foi que Deus já fez por vocês? Vocês têm comida? Seus filhos têm comida? Em vez de lhes dar pão, eles lhes falam no Céu. Oh, tudo será uma maravilha quando vocês estiverem mortos, dizem eles. Pois eu lhes digo: tudo irá bem quando *eles* estiverem mortos. É preciso que me ajudem.” A menina pousara a mão na sua bota. Ele olhou-a, do alto do cavalo, com um ar de sombrio afeto, e disse com convicção: “Esta criança tem mais valor que o Papa em Roma.” Os policiais estavam apoiados sobre os fuzis: um deles bocejava. O peru voltou grugrulejando para as cabanas. “Se viram esse padre”, prosseguiu o tenente, “falem. Há uma recompensa de setecentos pesos.” Ninguém disse uma palavra.

O tenente voltou para eles a cabeça de seu cavalo. “Nós sabemos que ele está nesta região. Talvez vocês não saibam o

perneira. Os aldeões conservavam os olhos teimosamente baixos: tinham todos medo de encontrar o seu olhar. De súbito ele explodiu: “Por que não têm confiança em mim? Não desejo a morte de nenhum de vocês. Para mim — não podem compreendê-lo? — vocês valem muito mais do que ele. Eu queria dar-lhes...” Fez um gesto que foi de todo inútil, pois ninguém o estava olhando. “Eu queria dar-lhes tudo!” Acrescentou, com voz surda: “Você! Você, aí! Eu vou levar você”.

Uma mulher gritou: “É meu filho! É o Miguel! O senhor não pode levar o meu filho!”.

“Qualquer um aqui é marido ou filho de alguém. Bem sei disso.”

O padre se conservava em silêncio, de mãos unidas; apertou-as tão forte que suas juntas embranqueceram... Sentia o ódio crescer em torno de si, porque não era nem marido nem filho de ninguém. “Tenente...”, disse ele.

“Que há?”

“Já estou ficando muito velho para trabalhar no campo. Leve-me.”

Um bando de porcos irrompeu da esquina de uma cabana alheios a tudo. O soldado acabou de ajustar sua perneira e ergueu-se. Por cima da floresta, o sol vinha faiscar nas garrafas do balcão de gasosas.

“Escolhi um refém”, disse o tenente. “Não ofereço alojamento e comida de graça a preguiçosos. Se não presta para nada no campo, não prestará para nada como refém.” Ordenou:

“Atem as mãos do homem e tragam-no”.

a bênção a Maria, mas de pé diante dele, ela se impacientava no seu desejo de vê-lo partir para sempre.

“Então, adeus, Maria.”

“Adeus.”

Atravessou a praça, de ombros encolhidos. Sentia que não havia naquela aldeia quem não o visse partir com satisfação — ele que só lhes trazia desgraça e que haviam preferido, sabe lá por que obscuras razões supersticiosas, não entregar à polícia; chegava a invejar o gringo desconhecido, a quem não hesitariam em armar uma cilada — esse, pelo menos, não sentiria pesar-lhe sobre os ombros nenhum fardo de gratidão.

Abaixo de um caminho, cuja terra estava marcada pelos cascos das mulas e acidentada de raízes de árvores, corria o rio — sessenta centímetros d’água quando muito, sobre um leito de latas vazias de conserva e de garrafas quebradas. Debaixo de um cartaz suspenso a uma árvore: “Proibido jogar lixo”, estavam acumulados todos os detritos da aldeia que, pouco a pouco, desciam para o rio. Quando viessem as chuvas, ficaria tudo limpo. Pousou o pé no meio das latas velhas e dos legumes podres e estendeu a mão para a sua maleta. Suspirou: tinha sido uma mala de boa qualidade, mais uma relíquia de seu passado tranquilo... Em breve seria difícil lembrar-se de que a vida fora diferente. Alguém tinha arrancado a fechadura; passou a mão pelo forro de seda...

Os papéis estavam ali. Com pesar, deixou cair a maleta — toda uma mocidade importante, cercada de respeito, jazia entre as imundícies — aquela mala lhe fora dada pelos seus paroquianos de Concepción por ocasião do quinto aniversário de sua ordenação... Ouviu alguém mexer-se atrás de uma

SEGUIA PRECISAMENTE NO PRÓPRIO rastro da polícia; desde que andasse devagar e não ultrapassasse algum retardatário, a rota parecia-lhe bastante segura. O que lhe faltava agora era vinho, e feito de uvas: sem isso o padre não teria mais nenhuma razão de ser; tanto faria escapar para o norte, atravessar as montanhas e pôr-se a salvo do outro lado, onde o pior lhe poderia acontecer era uma multa, seguida de alguns dias de prisão porque não teria dinheiro para pagá-la. Mas ainda não estava preparado para a capitulação suprema, cada uma de suas pequenas capitulações era seguida de um sofrimento suplementar. Estava agora movido da necessidade de resgatar a sua filha de qualquer maneira. Ficaria ainda mais um mês, um ano... Sacudido pelo andar da mula, tentava subornar a Deus, prometendo-lhe mostrar-se firme. De repente, o animal estacou: na estrada, uma pequena serpente verde ergueu-se com um movimento de mulher ofendida; depois, com um silvo, desapareceu na relva como se extingue a chama de um fósforo. A mula continuou a marcha.

Quando chegava perto de uma aldeia, desmontava e avançava a pé o mais próximo possível das habitações. Talvez os policiais ali tivessem parado... Em seguida, atravessava rapidamente a povoação, sem falar com ninguém, salvo para dizer *buenos días*, e, entrando de novo na floresta, recomeçava a seguir a pista do cavalo do tenente. Não tinha nenhuma intenção precisa; desejava apenas colocar a maior distância possível entre ele e a aldeia onde acabava de passar a noite. Na palma da mão, tinha ainda os papéis amassados em bola. Alguém lhe havia prendido à sela, ao lado do machete e do saquitel que continha a sua provisão de velas, um cacho de

Carmen, e de novo a floresta se fechou sobre os dois. Naquele andar, chegariam ao cair da noite, e era o que ele desejava. A mula, quando ele cessava de bater-lhe, avançava com uma lentidão extrema, de cabeça pendente; cheirava um pouco a sangue. O padre adormeceu, apoiado no arção da sela. Sonhava que uma meninazinha, rígida no seu vestido de musselina branca, recitava o catecismo — ao fundo, via um bispo no meio de um grupo de Filhas de Maria, velhas de faces lívidas e duras de devotas. O bispo murmurava: “Ótimo... Ótimo” e aplaudia: *clac, clac!* Um homem de jaquetão anunciou: “Ainda nos faltam quinhentos pesos para pagar o novo órgão. Temos intenção de organizar um concerto de gala e esperamos...” De súbito lembrou-se que não deveria absolutamente estar ali... aquela não era a sua paróquia... esperavam-no em Concepción para dirigir um retiro espiritual. O homem que se chamava Montez apareceu por trás da menina de branco e gesticulou para lembrar qualquer coisa ao padre... Acontecera um acidente a Montez, ele tinha na testa um ferimento onde o sangue se coagulara. Uma ameaça terrível pesava sobre a criança, o padre tinha certeza disso. Balbuciou: “Minha querida, minha querida” e despertou, ao andar cadenciado da mula e ao ruído de passos.

Voltou-se: era o mestiço que trotava atrás dele, escorrendo água: devia ter atravessado o rio a nado. Seus dois caninos avançavam sobre o lábio inferior e ele sorria com ar aliciante. “Que quer?”, perguntou o padre asperamente.

“O senhor não havia me dito que ia para Carmen.”

“Por que haveria de dizê-lo?”

“É que eu também tenho de ir até lá. Sempre é melhor viajar acompanhado.” Trazia uma camisa, calças brancas e tênis, um dos quais estava furado e deixava passar o artelho — balofo e amarelo como qualquer coisa que vivesse debaixo da terra. Ele coçou embaixo do braço e alcançou o estribo do padre amistosamente. “Não ficou aborrecido, *señor*?”

“Por que me chama de *señor*?”

“Logo se vê que é uma pessoa de educação.”

“A floresta é de todos”, respondeu o padre.

“Conhece bem Carmen?”, perguntou o homem.

“Não muito bem. Tenho lá alguns amigos.”

“Vai a negócio, não é?”

O padre nada disse. Sentiu a mão do homem em seu pé, num toque leve e súplice. “Há uma *finca* a dez quilômetros da estrada”, disse o homem. “Poderíamos passar lá a noite.”

“Estou com pressa”, retorquiu o padre.

“Mas de que serve chegar a Carmen a uma ou duas da madrugada? Podíamos dormir na *finca* e chegar lá antes do nascer do sol.”

“Eu faço o que me convém.

“É claro, *señor*, naturalmente.” O homem conservou-se em silêncio por um instante e depois acrescentou: “Não é prudente viajar de noite, se o senhor não está armado. Um homem como eu é caso diferente”.

“Sou muito pobre”, respondeu o padre. “Você bem pode ver que não tenho nada que possa tentar um ladrão.”

“E depois, ainda há o gringo — dizem que é um homem perigoso, um verdadeiro pistoleiro. Ele chega e nos diz lá na língua dele: ‘*Stop*, mostre-me o caminho para... tal lugar’. A

gente não compreende nada do que ele diz e, se por acaso se faz um gesto, pronto! — lá vem fogo. Mas talvez o senhor saiba falar americano, *señor...*”

“Claro que não. Como poderia saber? Sou um pobre homem. Mas não dou ouvidos a todas as histórias que me contam.”

“Vem de muito longe?”

O padre pensou um momento: “De Concepción”. Já fizera lá todo o mal que poderia fazer.

O homem pareceu momentaneamente satisfeito. Continuou a marchar ao lado da mula, com a mão pousada no estribo; de vez em quando cuspiu baixando os olhos, o padre podia ver o dedão do pé avançar pelo chão como um enorme verme. Talvez o homem fosse inofensivo. As coisas é que se apresentavam de maneira a levantar suspeitas. O crepúsculo chegou, e quase em seguida ficou noite fechada. A mula diminuiu ainda mais o passo. Ruídos subiram em torno deles, como no teatro, onde, logo que o pano desce, começa o bruaá nos bastidores e corredores. Animais impossíveis de identificar — talvez jaguares — gritavam de entre as moitas, macacos saltavam nos ramos mais altos, e os mosquitos zumbiam por toda parte como máquinas de costura. “Caminhar dá sede”, disse o homem. “O senhor não teria por acaso alguma bebida?”

“Não.”

“Se quiser chegar em Carmen antes das três horas, tem de bater na mula... Quer que eu pegue a vara?”

“Não, deixe o pobre animal tomar tempo. Isso não me importa...”, disse ele, meio adormecido.

“O senhor fala como um padre.”

O outro despertou rapidamente, mas, sob as altas e negras árvores, não podia distinguir a fisionomia do mestiço. “Ora, não diga tolices!”, replicou.

“Sou um bom cristão”, disse o homem, tocando no pé do padre.

“Ah, quem me dera poder dizer o mesmo...”

“O senhor deveria ser capaz de reconhecer as pessoas que merecem a sua confiança.” E cuspiu com ar de camaradagem.

“Nada tenho a confiar”, disse o padre. “A não ser estas calças, já no fio, e esta mula, que não presta, como você bem pode ver por si mesmo.”

Marcharam em silêncio durante algum tempo; depois, como se acabasse de refletir na última frase de seu companheiro, o mestiço continuou: “A mula não seria tão má se o senhor a tratasse bem. Eu entendo muito de mulas. Logo se vê que ela está que não aguenta mais”.

O padre baixou o olhar para a cabeça cinzenta e estúpida que balançava. “Acha?”

“Quantos quilômetros fez ontem?”

“Uns sessenta.”

“Até as mulas têm necessidade de repouso.”

O padre retirou os pés nus dos fundos estribos de couro e deslizou para o chão. A mula estirou o passo, mas não tardou a tomar uma andadura mais lenta que antes. Os pequenos ramos e raízes que juncavam aquele caminho de floresta feriam os pés do padre; ao cabo de um minuto, estavam sangrando. O mestiço exclamou: “Como o senhor tem os pés sensíveis! Deveria usar sapatos”.

O outro afirmou mais uma vez obstinadamente: “Sou pobre”.

“O senhor assim nunca chegará a Carmen. Vamos, seja razoável. Se não quer afastar-se da estrada para pousar na *finca*, eu sei de uma cabana a menos de três quilômetros daqui. Poderemos dormir algumas horas lá e chegar em Carmen ainda ao raiar do dia.” Ouviu-se um ruído na relva à beira do caminho — o padre pensou nas cobras e nos seus pés nus expostos. Os mosquitos lhes cercavam os pulsos: pareciam pequenas seringas cheias de veneno, prontas para uma injeção na veia. Às vezes um vaga-lume aproximava o seu foco aceso da cara do mestiço, alumando-a de passagem. Este disse, em tom de acusação: “O senhor não tem confiança em mim. Só porque sou um homem que gosta de prestar serviço aos estranhos, só porque procuro agir como um cristão, o senhor desconfia de mim”. Dava a impressão de que queria fingir-se zangado. “Se eu tencionasse roubá-lo”, continuou, “já o poderia ter feito, não é? O senhor é um velho...”

“Não tanto assim...”, respondeu o padre com brandura. Sua consciência começara mecanicamente a trabalhar: era como essas máquinas automáticas que funcionam com qualquer moeda, até mesmo com o disco sem valor do trapaceiro. As palavras orgulhoso, lúbrico, invejoso, covarde, ingrato — todas elas acionavam as molas adequadas — ele era tudo isso. “Perdi horas”, dizia o mestiço, “servindo-lhe de guia e não quero que me pague nada porque sou um bom cristão. Durante esse tempo eu provavelmente estaria ganhando dinheiro em casa... e isso não quer dizer nada...”

O padre não respondeu, à espera do pedido: a mão que segurava os papéis tremiam nervosamente. “Oh! não tenha medo de mim”, prosseguiu o mestiço, pesando as palavras, “não tem nada a recear, que não o trairei. Sou cristão. Tinha pensado simplesmente que uma prece... nos faria bem.”

“Não é preciso ser padre para saber rezar.” Ele começou: “*Pater noster qui es in coelis...*” enquanto os mosquitos se abatiam zumbindo sobre a chama da vela. Estava resolvido a não dormir — o mestiço tinha algum plano. Até sua consciência deixou de acusá-lo de falta de caridade. Ele bem o sabia. Estava em presença de Judas.

Encostou a cabeça à parede e fechou os olhos. Lembrou-se da Semana Santa de outros tempos, quando se enforcava no campanário um Judas de palha e os meninos faziam algazarra com latas e matracas, enquanto ele balançava sobre a porta. Velhos membros da Irmandade tinham por vezes oposto objeções: era blasfêmia, diziam, transformar em tal fantoche o denunciante de Nosso Senhor; mas ele nada dissera e deixara continuar a tradição. Parecia-lhe uma boa coisa que o maior dos traidores se tornasse objeto de riso. De outro modo, seria muito fácil idealizá-lo, fazendo dele o homem que lutou com Deus — um Prometeu, a nobre vítima de um combate sem esperança.

“Está acordado?”, sussurrou uma voz perto da porta. O padre teve um brusco risinho, como se aquele homem também fosse algum ridículo espantalho, com pernas cheias de estopa, cara pintada e velho chapéu de palha, que iria agora ser queimado na praça, enquanto o público fazia discursos políticos e explodiam os fogos de artifício.

“Não pode dormir?”

“Eu estava sonhando”, murmurou o padre. Abriu os olhos e viu que o homem junto à porta estava tremendo, com os dois caninos a subir e descer sobre o lábio inferior. “Você está doente?”

“Um pouco de febre”, disse o homem. “Tem algum remédio aí?”

“Não.”

Sacudiam-no arrepios, que faziam-no estalar a porta onde apoiava as costas. “Foi a água do rio...”, disse ele. Arrastou-se mais para diante no solo e fechou os olhos. Mosquitos de asas queimadas subiam para o leito de terra. Não devo dormir, pensou o padre, seria perigoso... Tenho de vigiá-lo. Abriu a mão e alisou o papel amarrotado. Distinguiam-se linhas escritas a lápis, meio apagadas, palavras isoladas, princípios e fins de frases, algarismos... Agora que não tinha mais valise, era a única prova que ainda possuía de que sua vida fora outrora diferente: carregava consigo aquele papel como um amuleto, pois, se a vida já fora assim, por que não poderia sê-lo de novo? Ao calor úmido daquela planície baixa e pantanosa, a chama da vela subia numa língua fumosa e agitada... O padre aproximou o papel da luz e leu as palavras: Sociedade do Tabernáculo, Irmandade do Santíssimo Sacramento, Filhas de Maria, mas, erguendo a cabeça e perscrutando o outro lado da choça escura, viu que os olhos amarelos e febreiros do mestiço o estavam espreitando. O Cristo não teria surpreendido Judas adormecido no jardim! Judas é capaz de vigiar durante mais de uma hora.

“Que papel é esse... padre?”, perguntou, num tom aliciante, com as costas a tremer.

“Não me chame de ‘padre’. É uma lista de sementes que tenho de comprar em Carmen.”

“Sabe escrever?”

“Sei ler.”

Pôs-se a estudar novamente o papel, e um pequeno gracejo, levemente blasfematório, lhe caiu sob os olhos — era uma frase, apenas legível, que falava de “uma única substância”. Alusão que tinha ele feito à sua obesidade e ao lauto jantar que acabara de comer: os paroquianos não tinham apreciado o seu humor.

FORA DURANTE UM BANQUETE realizado em Concepción para celebrar o décimo aniversário de sua ordenação. Estava ele no lugar de honra, ao lado de — quem diabo estaria à sua direita? O banquete constava de doze serviços, de modo que fizera alusão aos doze apóstolos, o que tampouco acharam de muito bom gosto. Era então muito jovem e sentia-se docemente demoníaco no meio daqueles paroquianos de Concepción, piedosos, maduros e respeitáveis, que ostentavam as fitas e insígnias de suas respectivas associações. Bebera um pouco mais do que o devido: naquela época ainda não estava habituado ao álcool. De súbito lembrou-se do seu vizinho de mesa: era Montez, pai do homem que acabava de ser fuzilado.

Montez falara longamente. Havia lido um relatório sobre as atividades da Irmandade do Altar durante o ano precedente — tiveram um superávit de vinte e dois pesos. Ele, padre, o havia

anotado para ulterior deliberação. Ali estava escrito: Irmande. Altec 22. Montez estava muito desejoso de organizar uma ramificação da Sociedade de São Vicente de Paula e uma dama se queixara porque vendiam maus livros em Concepción, eram trazidos da capital, a lombo de mula, e o seu filho encontrara um intitulado *Casamento ou luxúria*. O padre declarara no seu discurso que escreveria ao governador sobre esse assunto.

No momento exato em que pronunciava essas palavras, o fotógrafo da aldeia fizera explodir o magnésio, de sorte que ele recordava a sua face de então como se fosse um estranho que olha de fora, atraído pelo rumor, alguma alegre reunião de desconhecidos que festejam, e entre os quais observa, com inveja, e talvez um pouco divertido, um padre jovem e gordo, de pé, com a mão rechonchuda estendida num gesto cheio de segurança, enquanto a sua língua saboreia a palavra “governador”. Em torno dele, as bocas se abriram como bocas de peixes no meio de faces lívidas, das quais o magnésio havia apagado, com os traços, toda individualidade.

Aquele instante de supremacia lhe restituíra subitamente a seriedade devida, e ele abandonara os gracejos, com grande alívio de todos. “Esse superávit de vinte e dois pesos nas contas da Irmandade do Altar — embora seja para Concepción uma verdadeira revolução — não é a única coisa de que nós temos de felicitar no ano transcorrido. As Filhas de Maria contam com mais nove membros e, no último outono, a Irmandade do Santíssimo Sacramento trouxe um desusado brilho ao nosso retiro anual. Mas guardemo-nos de adormecer sobre os louros. Tenho projetos que, receio, vão parecer um pouco subversivos.